

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM JORNALISMO ESPORTIVO**

RAFAEL SIRANGELO ECCEL

COM O GRÊMIO ONDE O GRÊMIO ESTIVER:

O pertencimento clubístico na morte e ressurreição do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre

Artigo acadêmico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Esportivo, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2012.

Orientação: Prof. Dr. Arlei Damo

**PORTO ALEGRE
2012**

RESUMO:

A partir dos conceitos de clubismo e pertencimento clubístico presentes na obra do antropólogo Arlei Damo, veremos como a massa torcedora do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense viu seu clube ser dragado pelo ralo na maior competição de clubes do Brasil pela segunda vez e voltar a ela de forma épica, num período onde não se podia mais contar com 'virada de mesa'.

Palavras chaves: jornalismo esportivo, futebol, Grêmio, torcida, pertencimento.

INTRODUÇÃO

Seguindo tardiamente uma tendência mundial, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) estabeleceu a partir do ano de 2003 o primeiro Campeonato Brasileiro de turno e retorno com pontos corridos e regras claras de ascenso, descenso e qualificação para competições continentais. Desde 1971, quando foi instituído e denominado Campeonato Brasileiro, até 2002, o regramento de disputa da principal competição nacional oscilava de um ano para outro, de acordo com os interesses daqueles que dirigiam a confederação nacional e as federações estaduais.

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, sexto clube de maior torcida no Brasil, segundo dados da Revista Placar (DAMO, 2005, p.75), já fora rebaixado à segunda divisão do certame no ano de 1991. A costumeira 'virada de mesa' - no jargão do futebol, dito assim quando as regras são escamoteadas de última hora para benefício de algum atleta ou clube -, que já salvara outros grandes clubes da disputa da segunda divisão, não ocorreu e o Grêmio que, menos de uma década antes sagrara-se Campeão Mundial Interclubes, viu-se obrigado a enfrentar as consequências de seu mau desempenho.

Voltou à elite do futebol brasileiro em 1993, favorecido pelo inchamento do campeonato daquele ano, que contou com a presença de tantos clubes quanto foi necessário para que sua posição na tabela atingisse a marca necessária para o ascenso.

No ano de 2004, dentre os 24 clubes que disputaram o Campeonato Brasileiro, o Grêmio atingiu a 24ª colocação, com 12 pontos a menos que o último clube não rebaixado e 50 abaixo do campeão. Foram apenas nove vitórias em 46 jogos.

No ano anterior o desempenho do time havia sido suficiente apenas para livrar o clube do rebaixamento na última rodada da competição e, ainda assim, pelos critérios de desempate. A mobilização da torcida foi comovente durante o período de risco e houve festa ao final.

PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO

Para se compreender a relação entre um indivíduo/torcedor e seu clube é preciso socorrer-se da noção de pertencimento clubístico, neologismo presente à obra do antropólogo Arlei Damo. O pertencimento clubístico é uma modalidade de vínculo identitário próprio à esfera do futebol, cujo amálgama é a fidelidade clubística, tida como "um valor incorporado à cultura futebolística que atravessa fronteiras geográficas e sociais" (2005, p. 61).

O vínculo exclusivo e imutável de um torcedor com seu clube estabiliza um sistema complexo chamado de clubismo, tomado aqui como um sistema articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno (DAMO, 2005, p. 61).

Na contramão da lógica contemporânea, onde os indivíduos fazem e desfazem vínculos de acordo com seus interesses momentâneos, o futebol destaca-se por ser um raro setor onde a relação entre os indivíduos/torcedores e seus clubes revela-se imutável. Tal qual os laços de sangue, esses vínculos uma vez estabelecidos, são perenes, inquebráveis.

Ao contrário dos vínculos religiosos, quebrados através de conversões e desconversões; matrimoniais, depois da popularização do divórcio; político-ideológicos; profissionais; de consumo ou qualquer que seja a esfera de observação, todos eles baseados em escolhas racionais, no mundo do futebol não é tolerado um indivíduo deixar de torcer para um clube e passar a torcer para outro. Em hipótese alguma.

O indivíduo que cometesse tal destino seria dito 'vira-casaca', no jargão do futebol, uma ofensa grave que, mesmo na infância, quando as escolhas são ainda embrionárias, soaria extremamente desmoralizante.

RIVALIDADE

Os torcedores estão atrelados ao clube por pertencimento. Fixados. Em Porto Alegre, a diferença entre azul e vermelho é maior do que entre verde e amarelo. Dada a polarização entre Grêmio e Internacional, ambos centenários, portadores, juntos, de 88% da carta de torcedores do estado do Rio Grande do Sul, segundo dados da Revista Placar, "não seria exagero dizer que, para muitos sul-rio-grandenses, azul e vermelho são (tornaram-se) cores opostas" (DAMO, 2005, p. 88).

Seguindo o raciocínio de Damo, "é o sistema de pertencimentos quem sugere e mesmo constrange determinadas atitudes. Se você ama o Inter, dirá o sistema, você não apenas ama o Inter acima de todos os outros clubes, senão que odeia o Grêmio" (2005, p. 70).

Esse ódio aos rivais próprio do sistema, que no estádio faz com que um torcedor xingue todos os torcedores adversários, fora dele tem outra abordagem. É permitido ao vencedor, no âmbito de sua rede de sociabilidade, fazer piadas, ironizar o rival, desfrutar a ventura de seu clube em contrapartida à desgraça do adversário. Ao perdedor, por sua vez, cabe acolher a gozação de forma amistosa, garantindo o direito de, logo adiante, retribuir na mesma moeda, independente da hierarquia social dos envolvidos. "A licenciosidade instaurada pelas jocosidades clubísticas faz do futebol um poderoso dispositivo de sociabilidade transversal, rompendo diversas hierarquias e categorias sociais" (DAMO, 2005, p.99).

Há, contudo, os que não torcem. Que desprezam a bola ou a preferem em outros formatos. Há para quem 'cor' não passe da impressão produzida no olho pela luz tal a maneira como se difunde nos objetos e sirva para combinar roupas, por exemplo. Esses estão excluídos do sistema e, tanto faz quem ganhe ou perca, não participam das emoções do jogo e muito menos das emoções que transcendem o jogo em si. Entretanto, para um torcedor identificado, não é possível eximir-se temporariamente do fluxo das jocosidades quando lhe convém. A fidelidade cumpre, no clubismo, função estabilizadora. É a constante no sistema clubístico.

A noção de pertencimento clubístico permite

especificar, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas emocionalmente engajados a ponto de estenderem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele (DAMO, 2005, p. 65-66).

LAÇOS DE SANGUE

Em sua tese de doutorado, *Do Dom à Profissão - Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, o antropólogo Arlei Damo, referindo-se a pesquisas anteriores, afirma que "em praticamente 70% dos casos, a escolha do clube, dito do coração, fora feita por influência da rede de sociabilidade familiar - avô, pai, irmão, tio, primo, sobretudo - ou muito próxima a ela - padrinho e amigos de infância e/ou adolescência" (2005, p. 91). É interessante observar que os agentes dessas conversões são do sexo masculino.

A constatação de que na maioria dos casos coube ao pai iniciar o filho no clubismo, mascarando-o com as cores do mesmo totem que fora herdado do avô, de modo a impedir qualquer possibilidade de fluxo jocoso no seio da família, aliada ao fato de que as brincadeiras entre os torcedores tem indisfarçável conotação sexual - gozar, ser gozado; ativo, passivo - permite que se trace um paralelo entre o que ocorre no âmbito do futebol e o modo como a sociedade lida com a sexualidade.

Arlei Damo sugere que a fidelidade clubística via laços de sangue funciona como um meio de interdição de fluxos indesejados dentro das famílias, evitando que pais e filhos gozem-se e passivizem-se, mesmo que metaforicamente. Na prática possibilita, no sentido inverso, que possam abraçar-se em caso de dor.

COMUNIDADE DE SENTIMENTO

Segundo Arlei Damo, um time representa um clube e este representa uma comunidade de sentimento. Para o autor, um clube é "o mediador entre uma dada equipe de 11 atletas e um dado torcedor". E segue: "um clube de futebol é tomado como mediador entre um significante (time, camiseta, cores, bandeira, outros

torcedores, etc.) e um significado (amor/ódio, paixão, entrega, fidelidade, pertencimento)" (2005, p. 71-72).

Para Damo, "do ponto de vista dos clubes, a adesão dos torcedores constitui uma modalidade de capital simbólico" (2005, p.73). O que importa aos clubes é o vínculo permanente, ou seja, uma modalidade de capital afetivo.

Os torcedores não vão a campo assistir a um mero jogo, mas sim ao jogo de seu clube, representado momentaneamente por tais atletas.

Virtuosismos à parte, o que se espera é que os (seus) atletas representem satisfatoriamente o (seu) clube, razão pela qual eles precisam demonstrar, além dos qualificativos propriamente futebolísticos, uma série de outros atributos visando atender às demandas emocionais dos torcedores (DAMO, 2005, p. 60-61).

Enquanto os jogadores cada vez mais circulam entre os clubes em busca de bons contratos e o futebol é cada vez mais profissionalizado, a entrega por parte dos torcedores é e sempre foi amadora. Isso faz com que esperem, de parte dos atletas que os representam, uma dose mínima de devoção à causa. Essa expectativa de retribuição própria dos torcedores, quando não correspondida, pode produzir retaliações.

Se o amor ao clube é incondicional, a relação com o time que o representa, em contrapartida, está sujeita a oscilações. Quando o time joga mal, os torcedores vão, xingam, fazem ameaças aos atletas, técnicos, dirigentes, enfim, a todos os que se acredita tenham responsabilidade direta sobre o sofrimento, e depois cantam o hino do clube. (DAMO, 2005, p. 83).

Diante do que está posto, um clube do porte do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre caminhando para o rebaixamento acarreta um momento de desestabilização, de perturbação identitária entre os gremistas, obviamente potencializada pela troça a que são submetidos pelos colorados.

Uma comunidade de sentimento à beira do rebaixamento à segunda divisão tem contornos de drama social. Para a torcida, cair significa muito mais do que assistir ao seu clube disputar a Série B no ano seguinte. Significa estar passivizado por um ano inteiro, na melhor das hipóteses, caso tudo dê certo e o clube consiga retornar à elite do futebol brasileiro atingindo uma das duas vagas de ascenso.

Se o time apresenta uma série de resultados negativos a tendência é o esvaziamento do estádio, indicando o arrefecimento das paixões. Se o time vai mal a ponto de comprometer o status do clube, ameaçando-o de rebaixamento, por exemplo, então os torcedores podem vir a ser mobilizados, lotando o estádio para 'empurrar' o time (DAMO, 2005, p. 83).

O ano de 2004 terminou sem que a mobilização dos torcedores fizesse efeito algum e o Grêmio foi rebaixado para a Série B do Campeonato Brasileiro.

RITOS DE PASSAGEM

Se a fidelidade e o engajamento são premissas do pertencimento clubístico, o que se espera dos torcedores de um clube de massa quando este cai para a segunda divisão é o mesmo que se espera de uma família unida à beira do leito onde jaz o ente querido adoentado: que se mobilizem para tirá-lo a qualquer custo da situação desfavorável.

Na obra *Ritos e Rituais Contemporâneos*, discorrendo sobre o pensamento do folclorista Arnold Van Gennep (1873-1957) acerca dos ritos de passagem, Martine Segalen afirma que, "num episódio ritual, sempre se distinguem três estados - separação, margem, agregação -, variando a forma e a duração dos estados um e três segundo a relação com a coisa celebrada" (2002, p.45).

Por analogia, o Grêmio separou-se da Série A no final do ano de 2004, esteve à margem durante o ano de 2005 e agregou-se à Série A novamente depois da épica Batalha dos Aflitos.

Segalen vai adiante: "entre cada um desses estados existe uma etapa importante, a etapa do estado intermediário. [...] Esses períodos de margem têm por vezes tamanha importância que chegam a adquirir autonomia" (2002, p.45).

A passagem do Grêmio pela Série B do Campeonato Brasileiro no ano de 2005 foi marcada pelo fortalecimento das relações identitárias dos torcedores com o clube. O objeto da paixão em maus lençóis e a comunidade de sentimento absorvida pela ideia de salvação. A primeira fase da competição, em turno único, classificava oito dos 22 clubes disputantes para a segunda fase. O Grêmio atingiu o quarto lugar e seguiu adiante. Na segunda fase, os oito classificados foram divididos em dois grupos

e os dois melhores de cada grupo passariam ao quadrangular final, onde campeão e vice garantiriam acesso à Série A. Foi a partir da segunda fase, na qual foi o segundo colocado de seu grupo, que o Grêmio passou a contar com uma verdadeira mobilização de parte de sua torcida. Os jogos no Estádio Olímpico, com capacidade para mais de 40 mil pessoas, estavam quase sempre lotados e mesmo a imperícia de alguns atletas não abalava a atmosfera de apoio incondicional.

O quadrangular final reunia Grêmio, Portuguesa de Desportos, Náutico e Santa Cruz. Com exceção do Grêmio, os outros três concorrentes flutuavam entre a primeira e a segunda divisão à medida que os anos passavam. Ora subiam, ora caíam. Para seus torcedores, a alternância de divisão sempre fora uma constante, já que nunca pertenceram à elite do futebol brasileiro. Para a comunidade gremista, ao contrário: mais um ano fora da Série A causaria efeitos econômicos drásticos para o clube, que teria redução de verbas relativas a televisionamento, o que acarretaria mais dificuldades para montar um time no ano seguinte; sem falar na relação direta com o arquirrival, que estaria em condição de vantagem por mais um ano inteiro.

Segundo Luiz Zini Pires, "na madrugada do dia 22 de outubro, horas antes de enfrentar o Grêmio no Olímpico, todo o time do Náutico foi despertado por diversas incursões de fogueteiros nos arredores do hotel onde estavam hospedados em Porto Alegre" (2010, p. 52). Manifestações de engajamento dessa natureza não são presenciáveis em situações ordinárias. É preciso que o status do confronto supere a condição normal de uma partida de futebol. E o jogo era apenas o primeiro de um quadrangular com turno e retorno.

Das três etapas identificadas por Van Gennep - separação, margem e agregação -, Martine Segalen considera a margem, ou estado de liminaridade, de acordo com o especialista no campo do ritual Victor Turner, particularmente rica. Segundo ela, "o indivíduo em posição liminar apresenta traços específicos: ele escapa às classificações sociológicas" (2002, p. 49), uma vez que se encontra numa situação intermediária. Não é mais uma coisa e não é, ainda, outra.

A transição de clube rebaixado a clube promovido pela qual passou o Grêmio, cuja torcida experimentou nesse período o desencantamento/frustração, o reagrupamento de forças e a conquista do objetivo, uma espécie de morte, limbo e ressurreição, em livre analogia, encontra guarida no que pensa Pierre Bordieu (1930-

2001). Segundo Martine Segalen, Bordieu acresce ao conceito de Van Gennep a discussão sobre a função social da passagem:

Bordieu (1982) propõe então substituir o rito de passagem pelo rito de 'legitimação', rito de 'consagração', rito de 'instituição', analisando a linha que opera a passagem de um estado a outro. [...] É menos a passagem que conta, escreve ele, do que a linha que separa um antes de um depois, linha de diferença entre dois grupos preexistentes. O rito não faz passar, mas institui, sanciona, santifica a nova ordem estabelecida (2002, p. 50).

CONCLUSÃO

Até a última rodada do quadrangular final, com as duas partidas marcadas para Recife, Pernambuco - Santa Cruz vs. Portuguesa de Desportos e Náutico vs. Grêmio - a competição ainda estava em aberto. O Grêmio chegara até ali precisando de um empate para voltar ao convívio dos grandes clubes e enfrentaria um adversário que, se vencesse, lhe surrupiaria a vaga. Agregado a isso, a imprensa noticiava um clima de guerra. Na ótica pernambucana, Grêmio e Portuguesa de Desportos eram os inimigos a ser batidos.

Sob o impacto dessa realidade foi que a torcida do Grêmio em todo o Brasil se postou em frente à TV para acompanhar o desfecho de um dos momentos mais delicados da história do clube, mesmo os que jamais pisaram no Estádio Olímpico, que sequer viram um jogo do Grêmio *in loco*, mas se dizem gremistas, configurando, então, uma "comunidade de sentimento imaginada" (DAMO, 2002, p.72).

Luiz Zini Pires resumiu os acontecimentos:

Na tarde-noite do dia 26 de novembro de 2005, numa das mais incríveis partidas já vistas em um século de futebol no Brasil, o Grêmio bateu o Náutico e voltou ao convívio dos clubes da Série A depois de 363 penosos dias. Tempo cruel, em que a euforia e a depressão andaram de mãos dadas. Com apenas sete jogadores em campo, após quatro expulsões, invasões, intervenção acintosa do Batalhão de Choque da PM e uma paralisação de 25 minutos, o Grêmio ainda venceu por 1x0, gol do garoto-prodígio Anderson, num malicioso e definitivo ataque pelo lado esquerdo, aos 60 minutos e 51 segundos do segundo tempo - depois de quase 16 lancinantes minutos de prorrogação (2010, p. 09).

A Batalha dos Aflitos, que gerou filme, livro e histórias, redimiu a nação gremista. Os contornos épicos, a maneira improvável como tudo se deu no campo de

jogo provocou um estado de êxtase até nos mais moderados e frios simpatizantes. Aninhados novamente na Série A do Campeonato Brasileiro, os gremistas sentirão para sempre os calafrios dessa passagem, mas não conseguem esconder um certo orgulho pela forma heroica como a vaga foi obtida. O título de Campeão da Série B, consequência do inesperado gol de Anderson - que fez com que o Grêmio superasse o Santa Cruz, já em volta olímpica -, nunca foi motivo de orgulho para um clube da grandeza do Grêmio, mas a maneira como o clube ressuscitou comoveu a toda a comunidade futebolística. Como diria Bordieu, santificou a nova ordem estabelecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Eduardo. *Grêmio: Nada Pode Ser Maior*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DAMO, Arlei. *Do Dom à Profissão - Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado. Porto Alegre. 2005.

LORENZ, Sérgio. *A construção discursivo-pedagógica do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre pela mídia impressa (1983-2005)*. Dissertação de Mestrado. Canoas. 2009.

OSTERMANN, Ruy Carlos. *Até a Pé Nós Iremos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

PIRES, Luiz Zini. *71 Segundos, o Jogo de Uma Vida*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SEGALEN, Martine. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.